André Gattaz

Do Líbano ao Brasil

história oral de imigrantes

André Gattaz

Do Líbano ao Brasil

história oral de imigrantes

São Paulo • Gandalf • 2005

Copyright © Gandalf Editora, 2005

Coordenação Editorial:
André Gattaz e Guilherme Rodrigues Neto

Projeto gráfico, preparação dos originais e editoração eletrônica:
Gandalf Editora

André Gattaz

Do Líbano ao Brasil: história oral de imigrantes

São Paulo: Gandalf, 2005.

ISBN: 85-87745-02-6

Gandalf Editora Ltda. Me.
editora@gandalf.com.br
www.gandalf.com.br/editora

Sumário

Agradecimentos 7

Introdução 10

Primeira Parte: Líbano

1. Os anos 1880-1940 15
    1.1. O Líbano sob o domínio do Império Otomano (1880-1920) 15
    1.2. Aspectos econômicos e sociais 19
    1.3. A emigração, I (1880-1920) 22
    1.4. Os anos do mandato francês (1920-1943) 28
    1.5. A emigração, II (1920-1940) 31

2. Os anos 1940-2000 42
    2.1. O *Pacto Nacional* (1943 a 1975) 42
    2.2. A *Guerra do Líbano* e a reconstrução (1975-2000) 47
    2.3. A emigração, III (1940-1975) 56
    2.4. A emigração, IV (1975-2000) 64

Segunda Parte: Brasil

3. Fatores de atração 78
    3.1. Atrativos do Brasil enquanto país receptor 80
    3.2. O apoio da rede familiar e de conterrâneos 92

4. O mascate e o mito 95

5. A manutenção das identidades: família e clubes da colônia 106

5.1. A família e a casa: o "solo libanês no brasil" 106

5.2. Os clubes da colônia: culto à origem regional 110

6. A convivência inter-religiosa no Líbano e no Brasil 117

7. Aspectos da vida muçulmana no Brasil 127

8. O conflito de representações sobre a Guerra do Líbano 143

Apontamentos finais 155

Notas 165

Referências bibliográficas e bibliografia complementar 167

Este livro é dedicado à memória de minhas avós
Guiomar Jacobs Castanheira
e Mentha Casseb Gattaz

Agradecimentos

Este livro e a pesquisa de doutorado que lhe deu origem não teriam sido possíveis sem a colaboração ativa dos imigrantes e filhos de imigrantes (identificados no texto em **negrito**) que gentilmente narraram-me suas experiências de vida, fornecendo a base sobre a qual se assenta este trabalho. Devo muito também às dezenas de imigrantes árabes e seus descendentes, residentes em diversas regiões do país, que ao longo de muitos anos partilharam comigo suas experiências, embora de maneira informal ou não registrada.

Expresso a minha mais profunda gratidão àqueles que acompanharam e estiveram presentes em todas as fases da pesquisa, trazendo parte do crédito pelos méritos deste trabalho: meus pais Dalka e Daher Gattaz, meu orientador no mestrado e no doutorado, José Carlos Sebe Bom Meihy, e meus amigos Adriana de Simone e Guilherme Rodrigues Neto.

A pesquisa de doutoramento que deu origem a este livro foi realizada com financiamento provido pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP.

As seguintes instituições possibilitaram pesquisas documentais e bibliográficas:

Arquivo Histórico do Itamaraty – Rio de Janeiro, RJ;
Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro, RJ;
British Library – Londres, Inglaterra;
Institut du Monde Arabe – Paris, França;
Museu da Imigração do Estado de São Paulo – São Paulo, SP;
Zahle Clube do Brasil – São Paulo, SP.

“De árabe e turco muitos o tratavam, é bem verdade. Mas o faziam exatamente seus melhores amigos e o faziam numa expressão de carinho, de intimidade. De turco ele não gostava que o chamassem, repelia irritado o apodo, por vezes chegava a se aborrecer:
– Turco é a mãe!
– Mas, Nacib...
– Tudo o que quiser, menos turco. Brasileiro – batia com a mão enorme no peito cabeludo – filho de sírios, graças a Deus.
– Árabe, turco, sírio, é tudo a mesma coisa.
– A mesma coisa, um corno! Isso é ignorância sua! É não conhecer história e geografia. Os turcos são uns bandidos, a raça mais desgraçada que existe. Não pode haver insulto pior para um sírio que ser chamado de turco.
– Ora, Nacib, não se zangue. Não foi para lhe ofender. É que essas coisas das estranjas pra gente é tudo igual...”
[...]
“Árabes pobres, mascates das estradas, exibiam suas malas abertas, berliques e berloques, cortes baratos de chita, colares falsos e vistosos, anéis brilhantes de vidro, perfumes com nomes estrangeiros, fabricados em São Paulo. Mulatas e negras, empregadas nas casas ricas, amontoavam-se ante as malas abertas:
– Compra, freguesa, compra. É baratinho... – a pronuncia cômica, a voz sedutora.
Longas negociações. Os colares sobre os peitos negros, as pulseiras nos braços mulatos, uma tentação! O vidro dos anéis faiscava ao sol que nem diamante.
– Tudo verdadeiro, do melhor.”

(Jorge Amado, *Gabriela, cravo e canela*)

“Os turcos nasceram para vender
bugigangas coloridas em canastras
ambulantes.
Têm bigodes pontudos, caras
de couro curtido,
braços tatuados de estrelas.

Se abrem a canastra, quem resiste
ao impulso de compra?
É barato! Barato! Compra logo!
Paga depois! Mas compra!

A cachaça, a geléia, o trescalante
fumo de rolo: para cada um
o seu prazer. Os turcos jogam cartas
com alarido. A língua cifrada
cria um mundo-problema, em nosso mundo
como um punhal cravado.
Entendê-los, quem pode? [...]

Os turcos,
meu professor corrige: Os turcos
não são turcos. São sírios oprimidos
pelos turcos cruéis. Mas Jorge Turco
aí está respondendo pelo nome, e turcos todos são, nesse retrato
tirado para sempre... Ou são mineiros
de tanto conviver, vender, trocar e ser
em Minas: a balança
no balcão, e na canastra aberta
o espelho, o perfume, o bracelete, a seda,
a visão de Paris por uns poucos mil-réis?”

(Carlos Drummond de Andrade, *Os Turcos*)

Introdução

A capacidade de dizer muito em poucas palavras é própria dos grandes autores. Nas citações com que abro este texto, vêm-se Jorge Amado e Carlos Drummond de Andrade colocarem em prosa e em verso os principais elementos que caracterizam a imagem que os cidadãos brasileiros têm dos imigrantes árabes – imagem esta que não distingue sírios de libaneses e associa-os erroneamente à origem turca.

Os elementos apresentados por Amado e Drummond – o pendor para o comércio que fez dos árabes mascates e lojistas, o despojamento, a esperteza (chegando por vezes à trapaça), a pronúncia estranha e mesmo algumas características físicas como a corpulência e o "bigode pontudo" –, mais do que formulações fantasiosas dos autores, são aspectos centrais do estereótipo do imigrante árabe formulado pela produção cultural brasileira e aceito pelo senso comum.

Vemos, assim, especialmente nas produções literária, cinematográfica e televisiva nacional, que têm a característica de trabalhar com base em estereótipos para representar grupos étnicos ou sociais, repetirem-se chavões sobre os imigrantes de origem árabe e suas características, como em alguns trechos das citações de Amado e Drummond, que perspicaz e ironicamente utilizaram-se dos lugares-comuns:

> "– Árabe, turco, sírio, é tudo a mesma coisa."
> "Árabes pobres, mascates das estradas, exibiam suas malas abertas, berliques e berloques, cortes baratos de chita, colares falsos e vistosos, anéis brilhantes de vidro, perfumes

com nomes estrangeiros, fabricados em São Paulo.”
“– Compra, freguesa, compra. É baratinho... – a pronuncia cômica, a voz sedutora.”
“– Tudo verdadeiro, do melhor.”[1]

“Os turcos nasceram para vender / bugigangas coloridas em canastras / ambulantes.”
“Têm bigodes pontudos, caras / de couro curtido”
“É barato! Barato! Compra logo! / Paga depois! Mas compra!”
“A língua cifrada / cria um mundo-problema, em nosso mundo / como um punhal cravado.”[2]

Neto de imigrantes libaneses – embora meu avô Semi se considerasse *sírio* – e desde cedo interessado na cultura e na história árabes, até alguns anos atrás eu me sentia um pouco como o personagem *Nacib* ao ser chamado de *turco* – embora *eu* não tenha nada contra os turcos, ao contrário de meu avô, que foi um dos muitos jovens obrigados a fugir da Síria e do Líbano para escapar à obrigatoriedade de servir o exército do sultão otomano que ocupava as terras do Levante.

O que mais me incomodava, entretanto, não era ser chamado de *turco,* mas perceber o desconhecimento geral existente quanto à história do Oriente Próximo e à cultura árabe, do qual é resultante a grande confusão que se faz quando se trata do imigrante sírio e libanês – envolvendo o uso indiscriminado dos termos *árabe, turco, sírio, libanês, judeu, muçulmano, maometano* e muitos outros. A tese de doutoramento que originou este livro[3] é, de certa forma, o resultado desse incômodo diante do amplo desconhecimento da história árabe em geral e libanesa em particular.

Durante a pesquisa, que se estendeu dos anos 1996 a 2000, procurei conhecer as diversas versões apresentadas sobre a história e a atualidade libanesas – especialmente no que diz respeito aos aspectos econômicos, sociais e políticos que possam ter influenciado o extenso movimento migratório de libaneses para o Brasil ao longo de 120 anos. Estudei a obra de pesquisadores

provenientes de várias origens nacionais e credos políticos e religiosos, e preocupei-me em produzir documentação oral abrangendo os diversos grupos religiosos, regionais e etários representativos dos libaneses no Brasil, além de contar com minha própria experiência como neto de libaneses, o que faz de toda minha vida um verdadeiro laboratório de "experiência participante".

Foram excluídos, da tese de doutoramento original, os capítulos que explicitam a metodologia adotada no trabalho e detalham o trabalho de campo – tal metodologia, a *história oral,* é tratada com mais detalhe em outros textos publicados por mim.[4] Também se excluíram as textualizações das histórias de vida, que poderão talvez um dia vir a tornar-se uma publicação autônoma.

Em relação à chamada *questão palestina,* que se refletiu de forma inequívoca na história do Líbano contemporâneo, excluí grande parte do material que constava na tese, mantendo apenas as informações essenciais. Este assunto foi desenvolvido com bastante detalhe na obra *A Guerra da Palestina: da criação do Estado de Israel à Nova Intifada,*[5] que publiquei em novembro de 2002.

Por fim, excluíram-se também as dezenas de referências bibliográficas e notas de rodapé da tese original, mantendo-se apenas, e de maneira simplificada, as referências dos trechos ou autores citados diretamente. Ao final da obra listam-se não apenas os livros referidos na obra mas também a bibliografia complementar consultada para a redação da tese. O restante do trabalho sofreu apenas pequenas correções, embora em diversos momentos tenha me sentido tentado a reescrever completamente o trabalho, redigido há exatos quatro anos.

* * *

Este livro divide-se em duas partes. A primeira é dedicada ao contexto histórico do Líbano e à análise dos motivos que levaram os libaneses a emigrar durante os últimos 120 anos de sua história. Esta parte da obra é dividida em dois capítulos, refe-

rentes aos anos de 1880 a 1940 (capítulo 1) e de 1941 a 2000 (capítulo 2).

A segunda parte abrange diversos aspectos da vida do imigrante libanês no Brasil, compondo um quadro das principais diferenças entre os diversos grupos que aqui se estabeleceram, e foi elaborada com base nas entrevistas realizadas e em minha experiência de campo entre a comunidade árabe e libanesa de São Paulo, São Bernardo do Campo, Foz do Iguaçu e outras cidades do país. Inicia-se com a análise dos motivos que atraíram os imigrantes libaneses para o Brasil em detrimento de outros países de imigração, como os Estados Unidos e a Argentina (capítulo 3). Em seguida, analisa-se a recriação da identidade entre esses imigrantes e sua inserção na sociedade nacional através do trabalho, criticando a noção corrente de um caminho fácil *de mascates a doutores* (capítulo 4). Os capítulos seguintes são dedicados à análise das formas de manutenção das identidades culturais e religiosas entre os imigrantes, considerando-se o papel da família e das entidades sócio-culturais libanesas (capítulo 5) e das instituições religiosas da colônia (capítulo 6), sendo o item seguinte especialmente dedicado à vida muçulmana no Brasil (capítulo 7). Por fim, discute-se como os imigrantes libaneses posicionam-se frente aos fatos geopolíticos do Líbano e do Oriente Próximo, notando-se novamente as dissensões no seio da colônia (capítulo 8). Nos apontamentos finais, sumarizo as principais características dos grupos estudados, procurando responder às principais questões e hipóteses de trabalho que foram colocadas ao longo da pesquisa.

Espero que este livro responda a muitas perguntas que são cotidianamente feitas sobre os árabes e os libaneses, e que possa colaborar, ainda que modestamente, para o esclarecimento da verdadeira cultura árabe, ultimamente desvirtuada e vilipendiada pela mídia como poucas culturas o foram.